

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.—Para os Estados 26\$000 e 13\$000.—Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIEVS N. 7

SUMMARIO

VALENTIM MAGALHÃES.	Lucio de Mendonça.
A LOPES TROVÃO.	Arthur Azevedo.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
POEMA DA CARNE.	Cunha Mendes.
FALSTAFF	A. Camarate.
O ARTISTA	Francisco Lins.
MÃE.	A. Foscolo.
AVE-MARIA	Virgilio Varzea.
ATÉ A MORTE	Joaquim Sarmanho.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
BEATRIZ.	Adelino Fontoura.
THEATROS.	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

ANTONIO JANNUZZI

VALENTIM MAGALHÃES

Ha de haver quinze annos, começou a apparecer na imprensa, e desde então nunca mais se ausentou d'ella, este nome. Em pouco tempo, entrou a destacar-se do crepusculo matutino do jornalismo de estudantes para surgir na grande publicidade. Com cinco annos de tirocinio na imprensa academica de S. Paulo, e logo que d'alli veio com a carta de bacharel em direito, foi para a *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, convidado por honrosa carta collectiva de toda a redacção da excellente folha de Ferreira de Araujo. Tendo fixado residencia na capital, consagrou-se difinitivamente á imprensa, e na *Gazeta de Noticias*, na *Semana*, no *Paiz*, na *Tribuna Liberal*, no *Novidades*, no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, no *Diario Mercantil* e no *Estado de S. Paulo*, da capital paulista, no *Diario da Manhan*, de Santos, no *Diario de Minas* e no *Pharol*, de Juiz de Fóra, nos mais notaveis jornaes brasileiros, e em alguns d'elles simultaneamente, tem espalhado, sem descanço e sem desfallecimento, uma vasta producção, desegual sem duvida, mas constante, nutrida, pródiga e vária, com que se formariam dezenas de volumes.

Além do que tem disperso pela imprensa periodica, possui livros : as *Ideias de moço* e o *General Osorio*, opusculos de estreia, feitos em collaboração com Silva Jardim ; *Cantos e Luctas*, collecção de versos ; a *Vida de seu Juca*, parodia á *Morte de D. João*, escripta com seu irmão Henrique de Magalhães ; os *Quadros e Contos* ; os *Vinte contos* ; as *Notas á margem*, critica ; o *Escandalo*, critica, em collaboração com o autor d'estes apontamentos ; as *Historias alegres* ; os *Escreptores e escriptos* ; as *Notas á margem dos « Ultimos harpejos »*.

Para o theatro tem escripto varias revistas de anno, algumas com successo, como a *Mulher-homem*, sua e de Filinto d'Almeida, com quem igualmente traduzio de Echegaray o *Gran Galeoto*, que foi um triumpho, e *No seio da morte* ; além d'isso, tem algumas comedias originaes, não representadas, como o *Casamento nullo* e os *Doutores*.

Tem a publicar nada menos de quatro volumes : *No lar*, prosa e verso ; *Bric-à-brac*, prosa, contos, phantasia, critica, humorismo ; *Na brecha*, critica e polemica ; e *Paginas de hoje*, diario de um nevrosthénico.

A sua actividade intellectual é das mais notaveis e desmente a accusação de indolencia que pesa sobre os brasileiros : simultaneamente com esta exuberante producção litteraria, Valentim Magalhães foi, durante quatro annos, lente de pedagogia na Escola Normal, regeu a cadeira de Direito Militar e Constitucional da Escola Militar, e ainda ensina Economia Politica na 2ª escola primaria do 2º gráo, da capital ; trabalha diariamente como presidente da directoria da *Educadora*, companhia de seguros por elle fundada ; advoga ; estuda ; lê ; e ainda acha tempo para ser um dos mais alegres conversadores da rua do Ouvidor.

No jornalismo, o mais notavel de sua obra foi a secção *Notas á margem*, que, durante quasi dous annos, manteve diariamente na *Gazeta de Noticias* (1885-1886), e a *Semana*, magnifica revista litteraria, a melhor que temos tido, e na qual, durante cerca de tres annos, prestou ás lettras nacionaes inestimaveis serviços, á custa do seu talento,

da sua mocidade, da sua saúde, do seu dinheiro, tão laboriosamente ganho, do seu magnanimo esforço, tão despremiado.

Eil-o a dirigir outra vez a *Semana*, em boa hora rediviva, com auspícios e esperanças taes que, sendo o destino medianamente justo, hão de tornar-se em bella colheita de gloria e de pecunia.

Em quinze annos de publicidade, ás vezes diaria, sendo o ultimo decennio no jornalismo da capital, desajudado, peor do que isso — guerreado, e duas vezes, pelo menos, por verdadeiras potencias da imprensa fluminense — os redactores principaes do *Jornal do Commercio* e da *Gazeta de Noticias*, Valentim Magalhães resistio e persistio. Não precisa mais para se aferir o seu real merecimento.

Tem hoje trinta e quatro annos, pois nasceu aos 16 de Janeiro de 1859, na capital; é casado e pae de tres filhos; está em pleno outomno do espirito; póde dar ainda ás lettras de sua patria muitas e bellas obras, se lhe permittirem dous mortaes inimigos — a dyspepsia e o *dilettantismo*.

LUCIO DE MENDONÇA.

A LOPES TROVÃO

Não é somente aos máos que o céo castiga :
Tu és tão bom, e entrou-te em casa a Morte !
— Perdoa: não ha phrase que conforte
O misero, bem sei, que perde a amiga.

Haverá muita gente que te diga :
« Tem paciencia... conforma-te co'a sorte...
Não chores mais... resigna-te... sê forte... »
Mas isso a alma consola e a dor mitiga ?

Não deixes de carpil-a um só momento,
Pois só piedosa lagrima dorida
Suavisará teu longo soffrimento...

Chora a lembrança da mulher querida,
Da companheira que te deu alento
Contra as negras miserias d'esta vida.

ARTHUR AZEVEDO.

CHRONICA FLUMINENSE

Corre pela bocca pequena que por estes dias estará terminada a guerra do Rio Grande do Sul.

Fazendo-me echo d'esse boato meigo e tranquillizador, espero em breve cangratar-me com os meus leitores pela celebração definitiva da paz, e reconhecer que a certo embaixador brasileiro assenta como uma luva o sonoro nome de Victorino.

*

Emquanto não vê pairar no luminoso espaço a pomba da alliança, trazendo no canoro biquinho o classico ramo de oliveira, o fluminense vae dando largas ás duas paixões que o dominam: corridas de cavallos e theatro lyrico.

*

O grande premio Rio de Janeiro, realizado no Derby Club, foi uma festa esplendida. Levantou o premio o famoso *Aventureiro*, que já no anno passado praticára a mesma façanha e está hoje elevado com justiça á categoria de celebridade sportiva.

Aventureiro tem um nome de predestinado, um nome que, estou convencido, concorre para a sua fortuna. Na nossa terra todos os aventureiros são felizes...

*

A proposito de theatro lyrico, peço venia para archivar no presente numero do *Album* o bello e corajoso artigo que Alfredo Camarate escreveu e a *Gazeta de Noticias* publicou sobre o *Falstaff*.

Camarate pensa da opera de Verdi exactamente como eu, e diz no seu artigo o que eu diria se tivesse a sua autoridade e a sua competencia. Ainda assim, na minha ultima chronica esbocei ligeiramente um juizo que se approxima do d'elle. *Falstaff* será tudo quanto quizerem, menos uma opera-buffa. Aquella musica solemne e grave não se compadece com o libretto de Boito, uma farça onde Shakespeare entrou como Pilatos no Credo, — escripta em honitos versos, e com umas coisas que seriam abominaveis indecencias, se fossem escriptas pelo Eduardo Garrido, pelo Moreira Sampaio, ou por mim.

*

Tivemos na rua do Ouvidor um incendio a que foram applicados os adjectivos *pavoroso* e *violento* que ultimamente têm sido desengavetados muito a miudo.

O predio incendiado acha-se a poucas braças de distancia da Editora Fluminense, que ha dous mezes foi reduzida a cinzas. O mal será contagioso ?

Deus queira que não voltemos aos terriveis tempos da *Sinhasinha* e da *Creoula*, em que os pacificos habitantes d'esta então heroica e leal cidade perguntavam todos os dias uns aos outros :

— Onde será hoje o fogo ?

Valha-nos o Corpo de Bombeiros, a nossa gloria, o nosso desvanecimento, o nosso ai-jesus !...

*

Reappareceu a *Semana*, o legendario e saudoso periodico de Valentim Magalhães.

Já se exhibiram neste primeiro numero alguns dos collaboradores da primitiva; todos as outros irão apparecendo a pouco e pouco.

Salve !

*

O discurso com que Ruy Barbosa pedio ao Supremo Tribunal Federal o *habeas-corpus* que foi

(nem podia deixar de ser) concedido aos presos civis do *Jupiter*, é um primor de eloquência jurídica.

Não está de todo perdido o paiz que possui um talento como o de Ruy Barbosa, ornamento insigne das letras nacionaes, factor preponderante da nossa civilização intellectual.

A.

POEMA DA CARNE

A ARTHUR AZEVEDO

V

Calca aos pés o teu suave e cheiroso corpete :
Vomita injuria, inclina o torso e me espedaça.
Raiva, morde-lhe a carne e crava-lhe o estilete,
Deixa-a tanto fremir que se esmoreça lassa...

Minha imaginação — invencível ginete —
Ama ver-te brutal — sem a divina graça
D'um sorriso — aspirando o calido sainete
D'algum beijo de mel que te vence e amordaça...

Sim, agrada-me ver-te entre esgares de raiva :
O teu olhar fulgura e atroz se encolerisa,
Teu rosto angelical de purpuras se enlaiva...

Rasga o corpete ; rompe as vestes ; grita e estua ;
Dilacera o bordado e espedaça a camisa :
O' divino esplendor da carne ardente e nua !

VI

Caravanas exues de beijos ; crystallinas,
Doces risadas cruéis ; forte impeto de dermes
Que vigoraes de chofre os devassos inermes,
Atiçando no peito as sensações belluinás ;

Gosos febris ; pagans volupias venusinas ;
Mel de labios sensuaes molhando as epidermes,
Mordei-me de alto a baixo, ó delicados vermes
Do goso — unico bem para as almas em ruínas !—

Tão arruinado sinto o coração no peito,
Que á delicia infinita, á infinita brancura
De tua carne tremo, examine e desfeito.

Quero revivescer ; que o goso me conforte :
E a materia brutal, tumida de amargura,
Tenta encontrar a vida em sua propria morte !

CUNHA MENDES.

FALSTAFF

Meio seculo de triumphos é uma responsabilidade demasiadamente pesada para um septuagenario, como o leão de Busseto.

E foram exactamente os onerosos encargos d'essa responsabilidade que originaram os moldes novos, em que foram vasados o *Othelo* e o *Falstaff*, duas grandes victorias, dous incontestaveis triumphos, mas que, pelos titanicos esforços empregados por Verdi, para os conseguir, deixaram transparecer os symptomas de visível, se bem que tardia decadencia.

Verdi embrenhou-se por novas sendas, tresmalhou-se pelos infinitos atalhos que proporcionam os processos modernos, abandonou crenças antigas, para se lançar nos braços de uma nova religião, e as apostasias na idade de setenta annos nunca são resultantes de illusões sinceras, nem de enthusiasmos inconscientes ou invencíveis, mas fructos maduros e calculados pela prudencia, essa virtude com que se vela o justificado egoismo da velhice.

Da nova religião artistica instituida pelo revolucionario Ricardo Wagner nem ha que fallar, a proposito da ultima maneira de Verdi.

Wagner formou a sua escola com uma unidade absoluta e imprescindível ; talhou o poema para a sua musica e a musica para o seu poema ; concatenou a palavra, a melodia, a harmonia, a instrumentação, o desempenho, a arrumação da orchestra e até a dos espectadores, num todo homogeneo e indivisível.

A ausencia de qualquer destas condições de effeito é um ataque á inexoravel unidade da concepção artistica, contra o qual sempre protestaram os scismaticos de Beyreuth e contra o qual protestam agora os fleis de todas as religiões, porque a musica de Ricardo Wagner já não é a musica do futuro mas sim a musica do presente.

Mas Verdi, no *Othelo*, conservou a mesma orientação que o guiou nas demais composições. Foi sensual, como quem tem a consciencia de escrever para homens e não para anjos e *cherubins* ; foi apaixonado ; foi dramatico ; mesmo mais dramatico, mais apaixonado e mais sensual de que nas suas operas anteriores ; ostentou finalmente a hyperbole das suas notaveis qualidades ; fez, em resumo, mais uma opera de sensação ; mas não devemos esquecer que tambem, pelo exagero das suas qualidades, caminharam para a decadencia, Turner, nos seus ultimos quadros, Donizetti, na sua ultima opera ; Victor Hugo, nos seus ultimos livros, e muitos outros homens notaveis, porque parece que é lei fatal acometterem-nos os excessos na velhice !

No *Othelo*, Verdi mostrou apenas que, aos setenta annos, soube amar ou pelo menos descretear condignamente sobre coisas de amor, o que faz alguma differença ; mas a obra prima do *Othelo* não offusca

nem o *Rigoletto*, nem o *D. Carlos*, nem a *Aida*, tres partituras que rescendem juventudes mais authenticas, enthusiasmos amorosos mais positivos e realisaveis.

Quando, no occaso da vida, nos sahimos bem nas emprezas de amor, mesmo que sejam de amor platonico, acodem-nos illusões de primaveras eternas, de mocidades inextinguiveis, de proezas dom-juanescas assombrosas, e Verdi, que no *Othelo* tratára do amor com pujanças e ardores dos vinte annos, quiz mostrar no *Falstaff* que ainda sabia rir com o cascalhar sadio da juventude.

E foi nisto que se enganou o grande maestro de Busseto.

Não ri, aos setenta annos, quem, como elle, foi sempre secco, sombrio e sisudo; quem, como elle, ostentou constantemente, no rosto, os lineamentos severos e frios de uma esphinge indecifavel.

Na concepção do *Falstaff*, foi Verdi abandonado pelo seu systema auto-critico; systema que o livrou sempre dos embates e empuxos dos criticos, que desnorteiam a arte e os artistas, dos vôos d'essas moscas ousadas e importunas, que pousam indifferentemente e com toda a semcerimonia na rosada cutis de uma mulher formosa ou nas pustulas nau-seabundas de um burro morto.

Ninguem o illudio. Foi elle quem se illudio a si proprio, e a partitura do *Falstaff* ficou sendo a primeira das suas operas, pelos primores scientificos da factura, mas a ultima das suas composições modernas, pelo muito que se alheia da natureza do assumpto, pelas fórmas de uma tragedia lyrica, que esmagam a graça e frescura que deve ostentar uma comedia lyrica.

No *Falstaff* sente-se sempre a penna firme e vigorosa de um articulista habituado ás profunduras do artigo de fundo; mas nunca o dizer leve, fino e espirituoso do folhetinista.

O folhetim musical esteve sempre nas mãos dos mestres francezes e, por excepção, nas mãos de Rossini que, no seu *Barbeiro*, escreveu a mais duradoura pagina de musica humoristica e primaveril.

Demais, parece-me que Verdi, no *Falstaff*, respigou demasiadamente na seara propria; que fez mesmo algumas correrias pelos rusticos ou mal amanhados campos da *Mascotte*; que tornou pesadamente tragica a instrumentação com o abuso dos metaes; que foi, por vezes, trivial na escolha dos temas; que...

Mas isto são naturalmente rabugices de quem, escrevendo neste cantinho da America, já se retirou da critica militante por presentir a tempo a sua decadencia.

D'esta humillissima critica não resultarão com certeza perturbações na gravitação d'esse deslumbrante astro de primeira grandeza!

A este vandalismo, se o houve, sirva de atenuante a sinceridade de intenções com que foi commettido.

A. CAMARATE.

O ARTISTA

(ALFREDO IRARRAZAVEL)

A palavra do Eterno, do profundo
Seio escuro do Nada,
Fez vir a luz, maravilhoso um mundo!
E fez a enorme umbella constellada,
As montanhas, os mares!
E o lindo e alegre bando
Das aves, a folgar, surgio nos ares,
Uns suavissimos cantos entoando.
E d'esse portentoso mundo em meio,
O rei da criação (forte epigramma!)
O homem primeiro, Adão, de orgulho cheio,
Levanta-se da lama!

Dos céos uma scentelha desprendida
Veio animar-lhe o cerebro mesquinho,
Dando-lhe a força, o entendimento, a vida!
E Adão trilhou, sem medo, o seu caminho.

Dous poderes lutaram, de improviso,
Disputando o dominio em sua existencia:
— O coração venceu no paraizo!
O doce fructo da Arvore da Sciencia,
Elle, Adão, devorou-o anciosamente,
Ao coração fogoso dando ouvido.

E, por isso, o Architecto Omnipotente
Dos céos bradou: « Retira-te, bandido,
D'essa linda morada, que era tua!
Tu não me obedeceste! Agora... rua! »

Atomo miseravel, foi bastante
Ter o dom de pensar, o dom superno,
Para que, convertido num gigante,
Lutar tentasse contra o irado Eterno!

Foi ao fundo dos mares
E penetrou da terra nas entranhas!
Tudo assombrando, dominou os ares
E derribou montanhas!
E a lutar, a lutar, como um demente,
Com seus palacios, cheio de esperança,
Os céos desafiou soberbamente,
Sedento de vingança!

Mas ao homem, que é valoroso e forte,
Vem sempre surprender, veloz, astuta,
A fria, a negra, a pavorosa morte!
E interrompe-se a luta!

O destino fatal o despedaça!
Deus, occulto nos céos, de novo clama!
E o gigante, que a Deus, louco, ameaça,
Volve outra vez a converter-se em lama!

Cae o pincel, a penna — arma valente —
Das mãos do lutador, ao ser lançado
Do Nada inda outra vez na bruma horrente!
Assim o exige o augusto Potentado,
O dono lá da Altura!
Não ha quem lhe resista!

Mas... no poema, na estatua ou na pintura
Eternamente sobrevive o artista!

E entre os que seguem para o negro olvido,
Alcança uma victoria
O que pôde, depois de ser vencido,
Outra vida viver, outra: a da Gloria

FRANCISCO LINS.



VALENTIM MAGALHÃES

MÃE

Nas tardes caniculares do Sahara, o simoun, vergastando a frança das copadas arvores dos oasis, sibila, ora imitando o rugir das feras, ora o coaxar do sapo, o gargalhar do louco, o pranto dorido do enfermo, as lamentações plangentes da criança, e o beduino, que é supersticioso e crê firmemente nas lendas de sua patria, crava os acicates no flanco do corcel e parte desparadamente, fugindo áquellas vozes que elle julga de alma penada.

*

No areal rubro do Sahara verdeja, de longe em longe, oasis beneficó, collocado pela natureza como um correctivo d'aquelle deserto immenso. Nessas ilhas de vegetação uberrima, asylo dos viajantes, acoitam-se as hyenas e os leões, os leopardos e os tigres.

Os arabes, imaginações fogosas e idealistas, nararam scenas commovedoras, factos horriveis passados alli, á sombra das virentes arvores, onde a fera traiçoeira aguarda a descuidosa presa.

Mas de todos esses contos coloridos pela imaginação oriental, o que mais temor infunde é o da louca do oasis do meio; as caravanas agglomeram-se ou appressuram-se para evitar as lamentações que partem de além tumulo.

*

Havia lustros uma caravana se abrigára no oasis do meio.

Eram pouco os viajantes do deserto; nomades, com suas familias, seguiam o itinerario perenne atravez das regiões inhospitas da Africa.

Filhos da natureza, acostumados ao bramir das feras, ás tormentas da tempestade, á avalanche areienta do deserto, aquelles homens não temiam o perigo, antes o desafiavam, audazes, porque se habituaram a affrontal-o desde a primeira infancia, quando se aventuravam, com seus paes, nas nuas vastidões do Sahara.

As mulheres, intemeratas como os homens, embrenhavam-se naquelles bosques espessos, atravez dos cardos e das lianas, procurando fructas, ninhos de ave para matar a fome dos filhinhos.

Assim, ao anoitecer, emquanto os companheiros se emboscavam nas selvas, explorando combustivel para a fogueira, espantallo das feras, uma mulher que ficára a sós, resolveu descer por entre os fetos e parasitas, para procurar, lá embaixo, na anfractuosidade da rocha, agua que, em pranto, o filho pedia.

O sol, hostia de ouro, se recostava, havia muito, no ambulo do horisonte, mas o crepusculo rubro, prolongado no deserto, verberava ainda o clarão diffuso atravez das arvores e deixava distinguir-se os objectos.

Se a infeliz mãe prestasse attenção, se a ancia de saciar o menino não a opprimisse, veria, entre as gramineas, dous olhos traiçoeiros fitando-a, dirigindo o olhar ambicioso de faminto, ora sobre ella, ora sobre a criança deitada em lichens.

Emquanto se munia de agua, ouviu um grito doloroso e, voltando-se afadigada, as pressas, vio ainda. . . Não podia destacar os pormenores, mas os seus olhos abrangiam uma tragedia medonha: um animal colosal, com a criança atravessada nas maxillas, fugia pressuroso, temendo que lhe tomassem a presa,

Cega, quasi louca, ella seguio destimidamente o monstro, perseguindo-o atravez dos bosques, ferindo-se nos cardos, lancinando as carnes nos despenhadeiros, maltratando-se, esbofando-se, matando-se, com afan heroico e quasi impossivel.

*

Quando os nomades voltaram do bosque com o combustivel, não encontraram nem mãe, nem filho; mas accenderam a fogueira, aconchegaram-se ao calor das chammas, dormiram tranquillamente á sombra do fatalismo arabe, que não se commove com as desgraças, julgando-as previamente decretadas.

No dia seguinte partiram.

Mas, dias depois, outra caravana, passando, vio, em cima de uma arvore, completamente nua, desgrehada, com os olhos faiscantes, a misera mãe dando gargalhadas que repercutiam ao longe, no deserto.

Estava louca!

Desde então, dizem que se ouvem sempre as mesmas gargalhadas, apezar do védo tempo haver sepultado a desgraça da pobre mãe.

*

E é por isso que, nas tardes caniculares, quando o simoun, vergastando a frança das copadas arvores do oasis, sibila, ora imitando o rugir das feras, ora o coaxar do sapo, o gargalhar do louco, o pranto dorido do enfermo, as lamentações plangentes da criança, o beduino, que é supersticioso e crê firmemente nas lendas de sua patria, crava os acicates no flanco do corcel e parte desparadamente, fugindo áquellas vozes, que elle julga de alma penada.

A. FOSCOLO.

Recebemos :

— Os *Successos de Abril de 1892 perante a Justiça Federal*, rasões finaes apresentadas pelo Procurador da Republica, Dr. Rodrigo Octavio, nas acções civis dos reformados e demittidos pelos Decretos de 7 e 12 de Abril de 1891, intentadas pelo advogado Ruy Barboza.

— O *Prefeito*, cartas as districto federal, pelo Dr. Barata Ribeiro, publicadas na *Gazeta de Noticias*, em Maio ultimo.

— *Doutor Pascal*, de Emilio Zola, versão de C. de Albuquerque, 2º volume. Editores, Magalhães C., Livraria Moderna, rua da Assembleia, 22.

— Os primeiros numeros de *Juiz de Fora*, novo e importante jornal cuja publicação ultimamente começou na adiantada cidade mineira que lhe dá o titulo; o n. 1 da *Semana* (*Vid Chronica fluminense*); o n. 4 de *Minas Academica*, publicação quinzenal, organ do Centro Academico Mineiro, de S. Paulo, e outros jornaes e periodicos da Republica.

São estes os versos a que se refere o Sr. Julio Salusse na carta que nos dirigio e foi publicada no n. 31 do *Album*:

NEVROSE AZUL

Um segredo divulgo:
Possue cada nevrose a sua côr... Porém,
Faça embora o maior dos esforços o vulgo,
Nunca será capaz de perceber-a bem.

Cumpre, para alcançar semelhante conquista,
Entre outras aptidões,
Ter o temperamento excepcional do artista,
Viver menos de pão do que de sensações.

A gloria, essa cruel nevrose dos rumores,
Tem a vermelhidão das purpuras reaes;
Possue diversas côres
A nevrose do amor, uma das principaes.

Poetas, almas azues, divinamente doudas,
Que poetisae a flor aberta num paul,
A nevrose do verso, a principal de todas,
E' uma nevrose azul.

JULIO SALUSSE.

agosto 1893

AVE-MARIA

A' AURELIA

Junho. Poente côr de ouro velho, por detraz de montanhas saudosas recortando os pincaros negros na tela ampla do céu. Azul vasio de sol, onde não tardarão abrir as estrellas, em malhas luminosas. Nem um sopro aspero, neste inverno que rompe. Mar chão, achatado, polido e de aço, que se desdobra para além da barra, profundo, infinito, na amplidão das aguas. Faixa larga de praia clara, extensa, rendilhada, morrendo ao longe...

No alto de um comoro, um vulto triste de mulher se ergue, numa meia-tinta cinzenta, emove-se, com uma criança ao collo, á porta de uma cabana. Voltada para fóra, olha melancolicamente as quietas aguas planas, e mostra á criança, com o braço estendido, uma vela branca que foge sobre a mansidão do mar...

Um som de *Ave-Maria* rola na paz ermal dos campos. E ondas de filó negro, ethereo, impalpavel, alastram em torno o ar, dando um desfallecimento, um pezar mystico, a lembrança de coisas extinctas, e como mortas, no nosso coração, evocadas fundo pela nostalgia desoladora da hora!

VIRGILIO VARZEA.

ATÉ A MORTE

Quando Donkim morreu,
Franzina e casta, no verdor da idade,
Fez-se em minh'alma a noite da saudade,
Quando Donkim morreu.

Aquella noiva morta
Longe da patria e do paterno ninho,
Tinha a brancura candida do arminho
Aquella noiva morta.

Que doce engano aquelle!
Os seus olhos sem luz não se fecharam;
E quando me acerquei, céos! me fitaram...
Que doce engano aquelle!

A sua face gentil,
Branca, tão branca, funebre, chorosa,
Quando a beijei, se transmudou em rosa,
A sua face gentil!...

JOAQUIM SARMANHO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XII

(Continuação)

Com effeito, se bem que Lucio o conhecesse de vista, Carrero, ao passar proximo de Tosti, dissera ao amigo que o esperasse, que tinha de fallar a Guilherme. Por isso, Lucio contentou-se em curvar ligeiramente o corpo e levar, com ares de continencia militar, a mão á altura do chapéo. Carrero alcançou o *leão* e murmurou-lhe ao ouvido algumas palavras.

— De accordo ?

— De accordo — respondeu Guilherme seccamente, porém de modo a não denunciar enfado.

— Obrigado ! — concluiu o outro, batendo-lhe amigavelmente no hombro e vindo ao encontro do medico.

A excitação nervosa do novo pretendente crescerá, depois que havia trocado aquella meia duzia de palavras.

E era facil de explicar esse estado. Guilherme fóra do numero dos que assistiram, na *Confeitaria Oriental*, ao conclave promovido por Carrero. Desde esse dia, em que promettêra concorrer com o seu applauso para o exaltamento da comedia de

Lucio, um máo estar lhe sobrevinha, todas as vezes que pensava nessa noite de espectáculo.

—Primeiramente— cogitava elle— é imprudente annuir ao pedido de Carrero ; se bem que só tenhamos de applaudir no caso da comedia valer alguma coisa, não menos certo é que os outros farão o possível para exalçar o pouco merito da peça. Depois, em caso de grande exito, perigoso será para a minha pretensão, porque Carmen se enthusiasmará com a victoria de Lucio. A vaidade demovel-a-ha do seu proposito de não attender a nenhum moço. Estou em falsa posição. Se me nego, ahí virá a justificação de que, no grupo dos que formaram o pacto, havia, como o disseram, um Judas ; sea elle me uno, vou por minhas proprias mãos cavar o sepulchro á minha pretensão.

O raciocinio sustou-se n'esse ponto. Guilherme ergueu ao de leve a ponta da luva e fixou no soalho da plateia um olhar obliquo e pezado, como se por ventura quizesse exprimir por similhante modo as reticencias do gitar dubio e vacillante.

—O melhor— pensou, depois de alguns momentos —o melhor é prevenir Carmen e machinar um enredo, de maneira a destruir toda a sympathia e amor que podesse brotar do triumpho que, provavelmente, espera *esse homem*. — No interuallo de primeiro para o segundo acto procurarei fallar-lhe.

Foi então que a enteada do coronel Blanco appareceu.

Luxuosamente vestida, acompanhava-a desde a porta do theatro um vozerio de admiração. Carmen pisava com a firmeza de mulher que tem consciencia de sua belleza e certeza de que a ficam applaudindo a *mezza voce*.

O coronel acompanhava a esposa e formava a retaguarda do grupo da familia. Guilherme sahio-lhe á frente e saudou, trasvasando no olhar a expressão de um sentimentalismo de rapaz propenso a aventuras amorosas. Carmen, a quem se formára a convicção de que os imbecis podem, por vezes, ter a sua utilidade, correspondeu ao comprimento com um meneio gracioso e com um sorriso, se não sincero, pelo menos capaz de se deixar tomar por tal.

Quando appareceu á boca do camarote, já Guilherme Tosti se achava commodamente quasi deitado na sua cadeira da terceira fila, e manejando, como general em posto de observação, o binoculo, assestado em pontaria sobre o rosto da feiticeira oriental.

Ao mesmo tempo, como navio emballado por vagas batidas de estibordo, a plateia voltou-se para a esquerda e fusilou a familia Blanco com um tiroeito demorado de olhares admirativos.

A' segunda intimação da sineta, vibrada por mãos de contraregra impaciente, respondeu a orchestra com os primeiros compassos estrepitosos de uma quadrilha de Arban, não só acompanhada pelos trombones e contra baixos, como assobiada nos corredores pelos retardatarios que entravam ao osm

festivo da musica, de ha muito do repertorio d'essas mediocres orchestras de theatros dramaticos.

Os theatros de Montevideo, ao primeiro aspecto, nada offerecem de particular.

O seu todo é, aparentemente, o dos theatros europeos. A não ser a designação da *cazuela*, outra coisa não encontrará o estrangeiro que o impressione.

A *cazuela* é a ordem immediatamente superior á terceira de camarotes e, por assim dizer, a que serve de pedestal ao *paraizo* dos pobres, o setimo céu dos que pouco podem ouvir do que se profere no palco, mais propriamente o logar de onde o povileo se apraz a observar gestos de actores e a commentar os das familias que o esmagam sob o peso das suas sedas e fatuidades da sua indifferença.

A *cazuela* tem, ao longo da linha da balaustrada, cadeiras numeradas, seguindo-se outras filas de bancos em fórma de amphitheatro.

Alli só é permittida a entrada ao sexo feminino. E' independente e commodo de preço. A principio baralhavam-se as classes e só foi dado aos experientes e amestrados discernir as mulheres honestas das de vida airada que subiam ao *paraizo* do bello sexo.

O amor proprio das bem intencionadas tratou de salvar esta obliqua posição. Estabeleceu-se um pacto convencional : a parte da balaustrada á esquerda ficou sendo considerada como o *rendez-vous* das senhoras de boa tempera moral, deixando-se o demais espaço para o acampamento do mulherio, apodrecido na devassidão e disfarçado á força de pó de arroz.

Má coisa foram sempre as convenções.

D'isso resultou que, em menos tempo do que era de suppor, principiaram a mesclar-se ao baralho escolhido das *senoritas* de boas familias uns vultos suspeitos, embiocados em mantéos, negros como a escuridão nocturna, ou adornados com trajes especiaes, vistosos, mirabolantes, cosidos das sete côres do arco-iris e respirando a frangipana da *cocotte*.

Por outro lado, esta classe de gente que se aproveita de todas as oportunidades para estabelecer commercio ou quando menos ajustes, ainda mesmo tacitos, entendeu-se offendida no amor proprio, e por isso quiz confundir-se com as senhoras decentes da sociedade honesta, observou que seria prejudicada. E, com effeito, os gamenhos e os cynicos voltaram-se da plateia edos camarotes de preferencia para as bandas suspeitosas da *cazuela*.

D'ahi a convicção de que ás más creaturas não convinha a companhia da gente recatada. E volveram ao campo que antes lhes fôra insensivelmente demarcado.

Em todo o caso, porém, os ricos, mormente as senhoras de maridos ricos, resolveram abandonar, de uma vez para sempre, a *cazuela*, e occupar unicamente camarotes.

Então, por associação de ideias, as pobres pretenciosas, as meninas que dormem mal, que se alimentam peor, que não se abrigam com flanelas, para tudo poupar em beneficio do velludo e da seda, as que pintam a alma com hypotheses e illusões, essas acompanharam o parecer das matronas capitalistas e decidiram votar ao ostracismo a *cazuela*.

De certo tempo, aureolou-se a segunda vistosa ordem de camarotes com a cinta graciosa e tentadora de mulheres, luxosamente vestidas, e *coquettement* bellas e interessantes. Um zodiaco cingido á sala de um theatro !

O mulhero, porém, prejudicou similhante ideia. Capacitou-se das vantagens dos camarotes sobre a *cazuela*, e de quando em quando hobreou com as transfugas.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

BEATRIZ

Beatriz! Beatriz! Sombra querida,
Branca visão que em toda parte vejo,
E's a ventura unica que almejo,
Que outra igual me não fôra concedida!

Meu amor, minha crença e minha vida:
Todo o bem com que sonho e que antevejo,
Tudo que aspiro e tudo que desejo,
A ti te devo, oh! alma commovida!

Do meu amor não saibas todavia,
Pois que se igual amor te não mereço
Antes quero cuidar que o merecia.

Succumbirei á dor de que padeço;
Se tal fraqueza chamam cobardia,
Eu serei um cobarde por tal preço!

ADELINO FONTOURA.

THEATROS

Os artistas do S. Pedro deram-nos a *Favorita*, de Donizetti, e o *Othelo*, de Verdi; os do Lyrico o *Amigo Fritz*, de Mascagni. Foram todos muito applaudidos, sobresahindo naquelle theatro a primadona Judice da Costa, os tenores Cremonini e Ma-

riacher e o barytono Scotti, e neste a soprano ligeira Baronat, o tenor Colli e o barytono Sottolani.

Para o Lyrico chegou o tenor De Marchi, contractado por telegramma para substituir o seu collega GabrieleSCO. A sua estreia será hoje, no *Mephistofeles*, de Boito.

A companhia Ferrari despediu-se hontem com o *Falstaff*, de Verdi, e os *Palhaços*, de Leoncavallos.

*

A companhia Tomba deu-nos, no Polytheama, o *Fra Diavolo*, de Auber, uma boa edição da *Dona Juanita*, de Suppé, e, hontem, o *Velho da montanha*, opereta phantastica italiana.

*

No Recreio fizeram-se *reprises* das peças *Dom Sebastião, rei de Portugal*, a *Doida de Montmayour* e *Mulheres em penca*. O theatro tem estado sempre cheio

*

Os outros theatros nada nos deram de novo.

O Sant'Anna prepara-se para substituir a *Conquista dos talismans* pelo indefectivel *Surcouf*, e o Variedades prepara-se para substituir o *Gafanhoto* e a *Herança do 103* pelos *Talismans de Perlimpimpim*.

O Lucinda continúa a explorar o *Tio Celestino*, e a Phenix o *Periquito* e o *Capadocio*.

Promettem-nos dous *Lobishomens*, um no Lucinda e outro na Phenix, e no Apollo uma revista, *Abacaxi*, original de Moreira Sampaio e Vicente Reis.

X. Y. Z.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.